

**Saúde das mulheres, crianças e adolescentes: perspectivas e desafios globais no
cenário atual**

*Women's, Children's, and Adolescents' Health: global perspectives and challenges in the current
landscape*

Priscilla Paiva Gê Vilella dos Santos

Maria Teresa Rossetti Massari

Maria Auxiliadora Souza Mendes Gomes

Resumo: O retorno de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos traz desafios para a diplomacia global e a saúde pública, considerando o histórico de seu primeiro mandato (2017-2021). Sua política externa, marcada pela abordagem "América Primeiro" (*America First*), é caracterizada por priorizar interesses nacionais, resultando na retirada ou redução de apoio a organizações multilaterais, como o UNFPA e a OMS. Entre os principais impactos estão a politização da cooperação internacional em saúde, o corte de financiamento para programas de saúde materna e infantil e a restrição de direitos sexuais e reprodutivos. A continuidade dessas políticas tende a aprofundar desigualdades e comprometer avanços conquistados nas últimas décadas. Neste artigo contextualizamos este cenário de crise do multilateralismo, dando ênfase aos impactos na saúde materna e infantil. Ao final, um breve informe do Dia Internacional das Mulheres 2025 da ONU Mulheres.

Palavras-chave: Saúde Global; Agências Internacionais; Diplomacia em Saúde; Saúde da Mulher; Saúde da Criança.

Abstract: *The return of Donald Trump to the presidency of the United States presents challenges for global diplomacy and public health, considering the history of his first term (2017–2021). His foreign policy, marked by the "America First" approach, prioritizes national interests, leading to the withdrawal or reduction of support for multilateral organizations such as UNFPA and WHO. Among the main impacts are the politicization of international health cooperation, funding cuts for maternal and child health programs, and restrictions on sexual and reproductive rights. The continuation of these policies is likely to deepen inequalities and undermine progress achieved in recent decades. This article contextualizes this crisis of multilateralism, emphasizing the impacts on maternal and child health. At the end, a brief report on the UN Women's International Women's Day 2025.*

Key-words: *Global Health; International Agencies; Health Diplomacy; Women Health; Children Health.*

O multilateralismo em crise

O multilateralismo, que pode ser compreendido como o compromisso de múltiplos países em amenizar ou resolver desafios globais por meio de instituições e normas coletivas, já enfrentava desafios mesmo antes da primeira gestão de Trump. O crescimento de tendências de discursos nacionalistas, populistas e protecionistas em várias partes do mundo enfraqueceu a capacidade de organizações diplomáticas, como a Organização das Nações Unidas (ONU), de funcionar de maneira coesa.

Com Trump, esses desafios ganham nova intensidade. Sua retórica em prol da manutenção de uma globalização perversa¹, e sua rejeição a acordos, ilustram um afastamento das abordagens colaborativas. Entretanto, seu desprezo em relação a essas instituições, acabam minando ainda mais sua legitimidade, visto a influência que os EUA exerce na ordem mundial.

Redução do apoio aos organismos internacionais

Logo em seu primeiro dia de governo deste segundo mandato, Trump assinou diversas revogações e ordens executivas que afetam questões de Imigração e Segurança Fronteiriça; Energia e Meio Ambiente; Políticas Sociais e diversidade; e Saúde e Políticas Públicas. No que tange ao campo da Saúde e Políticas Públicas, a tendência que já tem se concretizado é a de intensificação dos cortes no financiamento dos EUA a organizações multilaterais, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), e a defesa de reformas que favoreçam os interesses estadunidenses em detrimento de uma visão global compartilhada. Isso tende a criar lacunas

¹ A **teoria da globalização**, proposta pelo geógrafo e teórico Milton Santos, analisa criticamente os impactos da globalização a partir de uma perspectiva geográfica e social. Ele a divide em três dimensões:

1) Globalização como fábula: Essa visão representa a globalização como um fenômeno positivo, inclusivo e inevitável. O discurso dominante enfatiza os avanços tecnológicos, a integração econômica e a promessa de benefícios universais. No entanto, essa narrativa ignora desigualdades, a concentração de riquezas e o domínio de grandes corporações. Neste sentido, cria a ilusão de um mundo interconectado e igualitário, mas esconde suas contradições.

2) Globalização perversa: Essa é a globalização tão como ela é/real; caracterizada pela desigualdade, exclusão e exploração. A intensificação do capitalismo neoliberal gera maior concentração de poder em empresas transnacionais e em países centrais, enquanto os países periféricos sofrem com a precarização do trabalho, dependência econômica e exclusão social. Essa perversidade se manifesta na ampliação da pobreza, no enfraquecimento dos Estados nacionais e na submissão das populações às regras do mercado global.

3) Globalização possível: A globalização possível seria baseada na valorização do local, no fortalecimento da cidadania e na criação de um sistema mais justo e solidário. Santos defende um mundo em que a tecnologia e a economia estejam a serviço do bem comum, e não do lucro de poucos.

financeiras e institucionais que outros atores (como China e União Europeia) poderiam tentar preencher, mas sem coordenação central.

A Organização tem se posicionado e ressaltou em nota que essas medidas podem causar uma ameaça global a programas como o do HIV/Aids que, se prolongadas, podem levar ao aumento de novas infecções e mortes, revertendo décadas de progresso e possivelmente levando o mundo de volta aos anos 1980 e 1990.

A condução e cooperação em emergências sanitárias como pandemias, também acaba sendo ameaçada visto que a retomada de uma agenda unilateralista enfraquece respostas coordenadas e coletivas a crises globais. Este fator deve levar países a buscar e reforçar alternativas regionais.

Saúde das Mulheres, Crianças e Adolescentes e seus (novos) desafios no cenário global

E é neste contexto que se inserem e se intensificam os desafios na área da saúde das mulheres, crianças e adolescentes. O primeiro mandato do presidente Donald Trump teve um impacto significativo sobre as políticas voltada para este público em nível global. As restrições ao financiamento de saúde reprodutiva, a politização de organismos internacionais e as políticas imigratórias restritivas geraram impactos profundos, especialmente para populações vulneráveis.

Entre os principais desafios enfrentados naquele período e que já estão se reatualizando/intensificando neste segundo mandato, destacam-se:

Restrição ao Financiamento para Saúde Reprodutiva

- **Global Gag Rule**: Trump reinstaurou e expandiu essa política “Regra da Mordaça Global”, que proíbe o financiamento de ONGs internacionais que oferecem serviços ou informações sobre aborto, mesmo que utilizem recursos próprios. Isso afetou programas de planejamento familiar e saúde materna em países em desenvolvimento.

Redução do acesso à serviços e insumos de saúde

- **Redução do apoio ao Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA)**: O governo Trump cortou o financiamento ao UNFPA, alegando (sem evidências) que o órgão apoiava abortos forçados na China. Essa decisão impactou programas de saúde materna e infantil em países vulneráveis. A seguir traduzimos o artigo de Udani Samarasekera, publicado na renomada *The Lancet*, que retrata mais detalhadamente este processo.
- **Tentativas de revogação do Obamacare**: Apesar de não ter sido totalmente revogado, houve esforços para enfraquecer a Lei de Cuidados Acessíveis (ACA), limitando o acesso de mulheres e crianças a serviços de saúde nos EUA.

Retrocessos em Direitos Sexuais e Reprodutivos

- **Apoio a Políticas Antiaborto na ONU**: O governo Trump se aliou a países conservadores para limitar referências a direitos reprodutivos em documentos da ONU, dificultando o avanço de políticas de saúde sexual e reprodutiva, ao reingressar na Declaração de Consenso de Genebra.
- **Proibição de procedimentos de redesignação de gênero para menores**: Trump assinou uma ordem executiva que proíbe o financiamento federal para tratamentos de transição de gênero em menores de 19 anos.

Impacto da pandemia de Covid-19

- **Saída da OMS**: Trump anunciou a retirada dos EUA da Organização Mundial da Saúde (OMS), prejudicando o financiamento global para programas de imunização infantil e saúde materna, ainda mais com a nomeação de Robert F. Kennedy Jr. para o Departamento de Saúde e Serviços Humanos (HHS), um ativista antivacina para liderar o HHS.
- **Restrições à Comunicação sobre COVID-19**: A desinformação e a politização da pandemia durante a segunda metade de seu governo do primeiro mandato dificultaram a implementação de políticas de saúde baseadas em evidências.

Redução das políticas de proteção para crianças e adolescentes migrantes

- **Políticas Imigratórias Restritivas**: Separação de famílias na fronteira e endurecimento de políticas de asilo afetaram o bem-estar de crianças migrantes, aumentando os impactos na saúde mental e problemas de saúde.

A seguir, apresentamos a tradução do artigo da seção *World Report* da revista *The Lancet*, publicado em 25 de janeiro. O texto foi escrito por Udani Samarasekera, jornalista especializada em saúde e ciência, que já atuou como editora sênior da revista e escreve sobre saúde global, saúde pública, políticas de saúde e ciência.

A esperada retirada de financiamento da UNFPA por Trump prejudicará milhões

Mulheres e meninas perderão acesso a serviços de saúde essenciais caso o novo presidente dos EUA corte o financiamento.

Por Udani Samarasekera

Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) alerta que milhões de mulheres e meninas em todo o mundo perderão o acesso a serviços essenciais de saúde sexual e

reprodutiva se a esperada retirada de financiamento por Donald Trump for concretizada. “O impacto será devastador, especialmente para as mulheres em cenários humanitários”, disse Sarah Craven, diretora do escritório do UNFPA em Washington, à *The Lancet*.

Quando *The Lancet* foi para impressão, Trump ainda não havia cortado o financiamento. Em seu primeiro mandato como presidente, Trump interrompeu o financiamento dos EUA para a agência dentro de poucos meses após assumir o cargo, e um cenário semelhante é provável. “Se você observar a retórica durante a eleição, temos motivos para acreditar que perderemos nosso financiamento dos EUA”, explica Craven. Ela menciona o *Project 2025*, um plano para o novo presidente, que propõe interromper os fundos para o UNFPA.

Atualmente, os EUA são o maior doador do UNFPA no geral e o maior doador humanitário da agência. Em 2024, o UNFPA recebeu mais de US\$ 230 milhões dos EUA, dos quais mais de US\$ 200 milhões foram destinados ao trabalho humanitário. A perda desse financiamento afetará muitos países em crise. Por exemplo, nas regiões afetadas por conflitos na Nigéria, mais de meio milhão de pessoas vulneráveis, principalmente mulheres e meninas, perderão acesso a serviços de saúde essenciais. No Líbano, quase 1 milhão de mulheres ficarão sem serviços de saúde reprodutiva e quase 300.000 mulheres perderão acesso a serviços de mitigação e prevenção da violência de gênero. Em Cox’s Bazar, Bangladesh, centenas de mulheres rohingyas não poderão fazer cesarianas, os serviços de obstetrícia serão cortados e o futuro da única unidade de atendimento de emergência obstétrica e neonatal 24 horas estará em risco.

O governo Trump deverá invocar a Emenda Kemp-Kasten, que determina que nenhum fundo dos EUA pode ser disponibilizado para “qualquer organização ou programa que, conforme determinado pelo Presidente dos Estados Unidos, apoie ou participe da gestão de um programa de aborto coercitivo ou esterilização involuntária”. Trump invocou essa emenda em 2017, assim como administrações republicanas anteriores, que acusaram o UNFPA de participar de um programa de aborto coercitivo ou esterilização involuntária na China. O UNFPA rejeita essas alegações, e missões independentes de apuração dos fatos não encontraram evidências que sustentem a base da Emenda.

Especialistas afirmam que a retirada do financiamento do UNFPA prejudicará as mulheres. “[Isso] terá consequências devastadoras para o número cada vez maior de mulheres e meninas que enfrentam violência de gênero e acesso inadequado a serviços de saúde sexual e reprodutiva”, comenta Terry McGovern, reitor associado sênior de Assuntos Acadêmicos e Estudantis da Escola de Saúde Pública e Política de Saúde da CUNY, em Nova York.

“Particularmente para mulheres e meninas em cenários

humanitários, o UNFPA fornece cuidados essenciais e que salvam vidas, desde kits de parto seguro até aconselhamento para sobreviventes de violência de gênero”, diz Elisha Dunn-Georgiou, presidente e CEO do *Global Health Council*, uma organização sem fins lucrativos dos EUA. “Cortar esse financiamento não apenas elimina essas redes de apoio, mas também perpetua narrativas falsas às custas das populações mais vulneráveis.”

O UNFPA tem se preparado para os cortes de financiamento. “Como já passamos por isso antes, somos muito resilientes... já estamos buscando outros doadores”, observa Craven. No entanto, a agência enfrenta uma tarefa desafiadora. “É um ambiente de financiamento muito mais difícil”.

Janeen Madan Keller, pesquisadora sênior e vice-diretora de Política Global de Saúde no *Center for Global Development*, comenta: “Se o financiamento dos EUA para o UNFPA for retido, isso pode ter consequências muito diferentes em comparação a 2017, quando a primeira administração Trump cortou o financiamento do UNFPA. Naquela época, outros doadores, principalmente países europeus, intervieram para reforçar o orçamento do UNFPA, evitando impactos negativos nos programas. Mas, desta vez, estamos enfrentando um período de recursos limitados, com vários doadores reduzindo seus orçamentos de ajuda.”

Bloquear os fundos dos EUA para o UNFPA terá consequências de longo alcance, diz Nabeeha Kazi Hutchins, presidente e CEO da *Population Action International*, uma organização sem fins lucrativos voltada à saúde sexual e reprodutiva. “[Isso] mina o trabalho transformador do UNFPA para proteger mulheres e meninas, aprofunda desigualdades, dificulta o progresso na redução da mortalidade materna e reverte décadas de avanços na saúde e nos direitos sexuais e reprodutivos, especialmente diante de conflitos e mudanças climáticas.” Sarah Shaw, diretora associada de *Advocacy* na organização sem fins lucrativos *MSI Reproductive Choices*, afirma que a retirada do financiamento dos EUA para o UNFPA seria “catastrófica”. Outras organizações, incluindo a *MSI*, também devem perder financiamento quando Trump iniciar seu segundo mandato. Para todas essas organizações, “será mais difícil do que nunca continuar oferecendo serviços vitais”, observa Shaw, e “serão as mulheres e meninas que sofrerão e morrerão como resultado.”

Udani Samarasekera

Perspectivas futuras

A crise do multilateralismo no contexto do retorno de Trump não se limita aos EUA; é reflexo de tendências globais mais amplas, como o declínio da confiança nas elites globais e o aumento de questões identitárias no discurso político. No entanto, sem a liderança ou ao menos

o engajamento construtivo dos EUA, será difícil revitalizar o multilateralismo como resposta eficaz às ameaças globais.

Nesse cenário, o retorno de Trump pode ser tanto um catalisador para a fragmentação do sistema internacional quanto uma oportunidade para o surgimento de novas formas de cooperação mais descentralizadas e adaptadas ao século XXI. Essa dinâmica dependerá do equilíbrio de poder entre os diversos atores globais e da capacidade das sociedades civis de pressionar por maior cooperação internacional.

Dia Internacional das Mulheres 2025

Em 20 de dezembro de 2024, a ONU Mulheres anunciou que o tema do [Dia Internacional da Mulher de 2025 será "Para TODAS as mulheres e meninas: Direitos. Igualdade. Empoderamento."](#) Este tema destaca a necessidade de ações que promovam direitos iguais, poder e oportunidades para todas, visando um futuro feminista inclusivo. A iniciativa retrata a importância de capacitar a próxima geração, especialmente jovens mulheres e adolescentes, como agentes de mudança.

O ano de 2025 marca o 30º aniversário da Declaração e Plataforma de Ação de Pequim, adotada em 1995 por 189 governos durante a [Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres](#). Este documento continua sendo o plano mais progressista e amplamente endossado para os direitos das mulheres e meninas globalmente, orientando políticas e investimentos em áreas críticas como educação, saúde, paz, mídia, participação política, empoderamento econômico e eliminação da violência contra mulheres e meninas. Com apenas cinco anos restantes para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), é urgente abordar essas questões, além de prioridades emergentes como justiça climática e o poder das tecnologias digitais.

A celebração deste marco ocorre num contexto de crescente insegurança e crises múltiplas, conforme discutido anteriormente, com confiança diminuída na democracia. Em 2024, 612 milhões de mulheres e meninas viviam em áreas afetadas por conflitos, destacando a necessidade de esforços contínuos para garantir seus direitos e segurança.

Referência

Samarasekera U. *Trump's anticipated UNFPA defunding will harm millions*. **The Lancet**. 2025 Jan 25;405(10345):286. doi:10.1016/S0140-6736(25)00134-5 (Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(25\)00134-5/fulltext?dgcid=raven_jbs_etoc_email](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(25)00134-5/fulltext?dgcid=raven_jbs_etoc_email); acesso em: 31jan2025).